



FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EM BUSCA DA IDENTIDADE DOCENTE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3620

Silvéria da Aparecida Ferreira, UNICENTRO
Emerson Luís Velozo, UNICENTRO

Resumo

Essa reflexão é fruto das discussões gestadas na disciplina de Tópicos Especiais em Educação XXI: Cultura, Educação e Contemporaneidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, durante o primeiro semestre de 2016. Buscamos analisar a identidade docente através do conceito de identidade cultural proposto por Denys Cuche no livro *A noção de cultura nas ciências sociais* (1999), e também por outros autores. Objetivamos refletir sobre a noção de identidade e o padrão de identidade docente imposto pela sociedade, Estado e mídias. Dessa forma torna-se essencial refletirmos sobre a complexa relação dos professores em formação inicial imersos a esse ambiente, no qual estão em plena construção da sua própria identidade docente. Para tanto, construímos uma narrativa partindo da compreensão de que a identidade é dinâmica e altera-se com o passar do tempo e das experiências, diferentemente da identidade docente anunciada pelo Estado e pelas mídias que aparece, geralmente, de forma padronizada, fixa, com perfil ideal e imutável do que deve ser o/a Professor/Professora. Por fim, expomos alguns dilemas e conflitos para compreender-se a identidade profissional docente na contemporaneidade. Nossa tentativa busca transcender os padrões impostos que repercutem numa noção objetivista de identidade, bem como as noções que, ao contrário, pendem para um extremo subjetivismo. Entendemos como importante abordar a identidade docente como construção coletiva, que se faz de modo relacional.

Palavras Chave:

Identidade; Formação docente; Padrões sociais; Contemporaneidade.

Introdução

Nesse estudo buscamos desenvolver uma análise sobre o conceito de identidade cultural, utilizando como objeto a identidade docente. Nosso objetivo principal busca compreender o conceito de identidade, o padrão de identidade docente dominante na sociedade, influenciado pelo Estado e mídias, e o professor em formação inicial, em meio a esse complexo ambiente.

Inicialmente propomos uma discussão sobre o conceito de identidade cultural, utilizando como referencial teórico Denys Cuche (1999) com o livro *A noção de Cultura nas ciências sociais*, buscamos trazer um pouco do histórico do conceito e, por fim, a perspectiva de identidade que corroboramos. Nossa concepção, defendida por Cuche (1999) define que a identidade é construída ao longo da vida conscientemente, diferente da Cultura que é inconsciente. A identidade é dinâmica, adquire outras formas com o passar do tempo, portanto é mutável.

Construímos uma reflexão em torno da identidade docente, primeiramente a identidade que é anunciada pelos meios de comunicação, pelo Estado e pela sociedade em geral, ou seja, aquela identidade padronizada e engessada externamente do que deve ser o professor, de qual o perfil ideal que o profissional deve ter.

Posteriormente debatemos os dilemas de se compreender a identidade profissional docente em tempos líquidos modernos (BAUMAN, 2001), isto é, na contemporaneidade. Nossa tentativa busca transcender os padrões ideais e objetivistas de identidade e discutir sobre a identidade docente construída coletivamente, mas também individualmente pelas experiências de cada sujeito.

Trabalhando o conceito de identidade cultural

O conceito de identidade cultural foi e ainda é amplamente debatido. Nesse estudo, tomaremos como base o conceito defendido por Denys Cuche em *A noção de cultura nas ciências sociais* (1999). Inicialmente é necessário destacar que as noções de Cultura e Identidade são amplas e diferentes, mas por muito tempo foram conceitos confundidos e mesclados, como se fossem sinônimos.

Tanto a cultura quanto a identidade possuem muitos significados e são mutáveis, não podendo aqui ser encaixado a conceitos quadrados e intransferíveis. Segundo Cuche (1999) a cultura pode ser inconsciente, pois o sujeito já nasce imerso em um contexto cultural e, aos poucos, conscientemente, vai identificando-se com algumas outras formas culturais. Com isso, ele pode se desvincular de algumas práticas culturais e passar a identificar-se com outras que não fazem parte da sua condição inicial, pois “a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente” (CUCHE, 1999, p. 177). A identidade é obtida por meio de oposições simbólicas, ou seja, eu me identifico com representações desse grupo e não daquele, opondo formas de pensar e agir definimos nossa própria identidade.

A identidade cultural (CUCHE, 1999) é utilizada como forma de categorização, pois a partir do momento que, por exemplo, o sujeito se identifica como professor, ele estará negando (no sentido de não ser/ter) outras identidades, como médico, engenheiro, eletricitista, etc. Esse sujeito passa a identificar-se com aquilo que seus pares defendem, com a cultura do seu local de atuação, excluindo as formas identitárias pertencentes a outros grupos, ou seja: “a identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão” (CUCHE, 1999, p: 177). Trata-se de identificar-se com algumas práticas e estranhar outras que não fazem parte do seu meio de

identificação.

Várias foram as tentativas de definição do que realmente a identidade pode ser, desde a concepção de representação genética de identidade, aquela que entende que a identidade é naturalmente concebida, ou seja, a cultura é herdada biologicamente e, portanto, a identidade definiria o indivíduo como autêntico. Nessa perspectiva “*A identidade seria preexistente ao indivíduo que não teria alternativa senão aderir a ela, sob o risco de se tornar um marginal, um “desenraizado”*” (CUCHE, 1999, p. 178). Dessa forma a identidade seria imutável, estática, algo que o coletivo não pode influenciar. Já os culturalistas tratam a cultura e a identidade como herança social, e acreditam que o indivíduo interioriza os modelos culturais impostos até identificar-se com seu grupo de origem (CUCHE, 1999). Todavia, não são essas concepções de identidade cultural, que propomos nesse estudo.

Cuche (1999) apresenta também o grupo chamado “primordialistas”. Esses argumentam que “*a identificação é automática, pois tudo está definido desde o seu começo*” (CUCHE, 1999, p: 180). Essa concepção defende que nascemos imersos a um conjunto de simbologias e representações, e a identidade é definida por esse contato, por esse vínculo e proximidade, desde o começo. O que é chamado de critérios determinantes e, portanto, “objetivos”, como: o mesmo idioma, a religião, o território, a psicologia coletiva, etc. (CUCHE, 1999). Contrários aos “objetivistas”, os “subjetivistas” dizem que a identidade não é recebida definitivamente, mas que “*a identidade etno-cultural não é nada além de um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau*” (CHUCHE, 1999, p. 181). O importante seria a interpretação que os sujeitos fazem da realidade social, demonstrando que a identidade é mutável. Contudo, os subjetivistas também são muito criticados por reduzirem a identidade a algo que pode ser escolhido, negando as

complexidades do processo.

Tentar enquadrar a questão da identidade como objetiva ou subjetiva empobreceria demasiadamente o debate, pois em partes podemos considerar ambas as concepções. Como opção, Cuche (1999) destaca a perspectiva “relacional”, trazida inicialmente por Barth (1964), que ultrapassaria as perspectivas dos objetivistas e subjetivistas, pois “*a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato*” (CUCHE, 1999, p. 182). Nada mais é que uma forma de categorizar, utilizada como diferenciação de um grupo com outro. Sendo assim, “*uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações.*” (CUCHE, 1999, p. 183). Ou seja, os membros do grupo não são vistos como totalmente determinados, pois constroem significados nas trocas sociais, portanto, a cultura e a identidade são compreendidas como mutáveis, dinâmicas e construídas socialmente.

Cuche (1999) chama atenção para a existência perigosa da concepção de diferenciação de identidades: “*o poder de classificar leva à “etnicização” dos grupos subalternos*” (CUCHE, 1999, p: 187). O autor afirma que tal classificação não deve servir para sobrepor uma identidade à outra:

[...] Pode-se ver que a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais. Ela pode se prolongar numa política de segregação dos grupos minoritários, obrigados de certa maneira a ficar em seu lugar, no lugar que lhes foi destinado em função da sua classificação (CUCHE, 1999, p. 187).

A definição do local tido como “correto” de cada identidade nega toda e

qualquer dinâmica cultural e construção social que possa existir. Sendo assim, “*a identidade parece problemática*” (CUCHE, 1999. p: 187), não sendo sensato enveredar por esse caminho. Nenhuma ciência, justamente por ser ciência, pode moldar o conceito de identidade, engessar no sentido de ser isso para esse grupo e aquilo para outro. Tratar um grupo como dono de uma identidade autêntica ou de uma identidade ilegítima seria julgar formas, símbolos e significados, e isso não é papel da Sociologia, da História e de nenhuma ciência (CUCHE, 1999). Assim sendo:

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição pura, “simples”, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social. Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. O caráter fluente que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. É isto que dificulta a definição desta identidade (CUCHE, 1999, p. 193).

Compreendendo a identidade como fluente, mutável e construída socialmente importa pensar sobre a fluidez da identidade docente, de indivíduos que trazem consigo formas de pensar e agir próprias de cada grupo, de cada cultura nas quais estão imersos, mas que se identificam como professores e que, portanto, pensam e agem de maneiras singulares, diferentes de outras profissões. Entendemos, também, que é necessário refletir sobre uma espécie de padrão de identidade ideal sobre a categoria docente, ou seja, acerca do que se julga fundamental para que o professor seja identificado como um bom profissional.

O padrão de identidade docente

Quando dizemos que há um “padrão”, estamos nos referindo ao que a

sociedade em geral, vinculada à Mídia e ao Estado, discursa sobre ser o ideal para o profissional da educação, ou seja, forja-se uma forma engessada “aquilo que se espera” do docente em sua maneira de pensar e agir na profissão. Deste modo:

Tratar da identidade docente é estar atento para a política de representação que instituem os discursos veiculados por grupos e indivíduos que disputam o espaço acadêmico ou que estão na gestão do Estado. É considerar também os efeitos práticos e as políticas de verdade que discursos veiculados pela mídia impressa, televisiva e cinematográfica estão ajudando a configurar. A identidade docente é negociada entre essas múltiplas representações, entre as quais, e de modo relevante, as políticas de identidade estabelecidas pelo discurso educacional oficial. Esse discurso fala da gestão dos docentes e da organização dos sistemas escolares, dos objetivos e das metas do trabalho de ensino e dos docentes; fala também dos modos pelos quais são vistos ou falados, dos discursos que os vêem e através dos quais eles se vêem, produzindo uma ética e uma determinada relação com eles mesmos, que constituem, a experiência que podem ter de si próprios (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p. 47).

A identidade docente é negociada entre essas múltiplas representações, ou seja, há no discurso uma maneira de engessar a identidade, o que se espera da forma de pensar e agir dos professores, como uma maneira ideal de “Ser Professor”. Aquele que não se enquadra nesse “perfil” não é considerado um profissional de qualidade. Os futuros docentes buscam alcançar essa imagem pronta do que é ser um professor, no entanto, essa perspectiva não leva em consideração as experiências complexas coletivas e individuais pelo qual o futuro docente passa no decorrer de sua vivência pessoal e profissional. Posto isso, nota-se que, principalmente nos primeiros anos de

atuação, os docentes iniciantes se frustram, consideram que não correspondem a esse modelo de forma plena e muitos acabam por desistir da docência. Contudo:

Por outro lado, as identidades docentes não se reduzem ao que os discursos oficiais dizem que elas são. Eles são mais que meros formadores de cidadãos, como querem as políticas curriculares oficiais. Negociam suas identidades em meio a um conjunto de variáveis como a história familiar e pessoal, as condições de trabalho e ocupacionais, os discursos que de algum modo falam do que são e de suas funções. (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p. 48)

Esse “conjunto de variáveis” faz toda a diferença em se tratando da identidade docente, pois nesse sentido passamos a validar sua experiência temporal, legitimar sua identidade de acordo com aquilo que nem sempre é consciente na sua vivência, mas que afeta diretamente sua identidade. De acordo com Garcia, Hypolito e Vieira (2005) elementos externos ao indivíduo, como: as condições de trabalho, trajetória familiar, gênero, aspectos econômicos e culturais, refletem diretamente na formação da identidade profissional do Professor. Dessa maneira, não seria sensato enquadrar, engessar, ou negar a dinâmica da identidade, assim como nos mostra Cuche (1999), pois o processo de identificação corresponde a experiências complexas da vivência.

Não consideramos sensato enquadrar ou classificar a identidade docente, pois cairíamos em uma perspectiva perigosa de legitimação de uma identidade em relação à condenação de outra, desconsiderando as contraditoriedades da realidade. Assim, correríamos o risco, de subalternizar minorias e elitizar a identidade de outros (CUCHE, 1999).

Partindo da discussão

promovida acima nos colocamos a pensar: Como transcender a essa concepção de identidade padrão discursada e destinada ao futuro professor? Quem é o professor Contemporâneo? Qual a identidade que ele busca formar? Nosso intuito não se prende em esgotar o tema, caso pudéssemos fazê-lo seríamos contraditórios ao que outrora mencionamos sobre a complexibilidade de definição do conceito de identidade, todavia propormos uma forma de refletir, abrindo para diversas outras formas de pensa-lo.

A formação do Professor contemporâneo: refletindo sobre a identidade

Atualmente falar de formação de professores configura-se em um assunto muito complexo. No entanto, ainda mais abstruso é a temática sobre identidade do docente em formação. Referimo-nos ao acadêmico que ainda está no processo da graduação para ser Professor, já que o docente sempre está em formação, procura também romper com a identidade de aluno e construir uma identidade de professor.

Propomos um modo de pensar o processo educacional humano como um processo cultural, que envolve todas as esferas da vida. “*Incontestavelmente, existe, entre educação e a cultura, uma relação íntima, orgânica*” (FORQUIN, 1993, p. 10). Educar e aprender são procedimentos intrínsecos ao ser humano, pois estes processos acontecem para além dos muros das instituições, envolvendo uma dimensão que é cultural. “*A cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e justificativa última, a educação não é nada fora da cultura e sem ela*” (FORQUIN, 1993, p. 14 *apud* FONSECA, 2003, p. 30). Ambas se complementam, pois a educação se entrelaça à cultura para ser significativa aos sujeitos, assim como a cultura se relaciona diretamente à educação, pois transmite saberes, conhecimentos e aprendizados.

Os conceitos de identidade e cultura se misturam, ainda que cada um tenha a sua especificidade. Como debatido na primeira parte desse trabalho, ambos são importantes para o processo educacional, essenciais para a formação de professores, pois cada indivíduo traz consigo, mesmo que inconscientemente, um conjunto de elementos culturais que formam sua identidade.

A educação formal tem por objetivo principal desnaturalizar (não significa negar) aquilo que é dado como “natural” – biológico, em outros âmbitos da sociedade, priorizando o cultural (HERTZ, 1980). O processo educativo ultrapassa o senso comum e tem por objetivo, baseado em conceitos e debates científicos, romper padrões hegemônicos e alargar visões de mundo. Mas, para isso é necessário que a formação de professores, responsáveis por essa transformação, ocorra com essa intenção, afinal, a formação inicial é uma das esferas que dá base para o trabalho do docente. É “uma das esferas” porque não é a única, já que o professor vem com conceitos da sua cultura (modo de ver o mundo, referenciais religiosos - ou não, entre outros). É essencial que o próprio professor veja-se como um ser no mundo, ou seja, um indivíduo que possui vários aspectos determinados pela cultura/culturas a qual pertence, analisando essa relação complexa entre sua cultura e a identidade, possa ser um crítico da sua própria prática. Moura afirma:

A formação qualitativa do professor é a mola propulsora de um sistema educacional adequado às necessidades desta sociedade líquido-moderna. Este professor que deverá se destacar nestes “tempos líquidos-modernos” (BAUMAN, 2007) é um profissional cujo perfil é o do sujeito autônomo, reflexivo, pensante, criativo, cooperativo e inventivo (MOURA, 2009, p. 9869).

Observa-se que há uma espécie

de padrão destinado ao professor, pois esse precisa desenvolver algumas características para o ser. Visto que a formação de qualidade do professor é a “mola propulsora” do sistema educacional, recai sobre a figura do docente grande responsabilidade. Ele deve se adequar ao que a sociedade “líquido-moderna” (BAUMAN, 2001) necessita, para que o sistema educacional flua. No entanto, entendemos que as complexibilidades do sistema educacional vão além do papel do professor, ainda que esse seja essencial. Posto isso, o perfil de profissional que almeja-se não é fácil de alcançar, pois precisa ser o foco da formação inicial e posteriormente da continuada e levar em consideração a singularidade de cada profissional envolvido com o processo educativo.

“A formação qualitativa do professor é a mola propulsora de um sistema educacional adequado às necessidades desta sociedade líquido-moderna” (MOURA, 2009), ou seja, a formação precisa ser de qualidade e se adequar a sociedade contemporânea. Muito é colocado em expectativas ao trabalho do professor e ao que ele deve representar na sociedade. O docente deve ter perfil crítico, autônomo, reflexivo, criativo (MOURA, 2009). Tantas são as características que esse docente precisa desenvolver, e parece que sua identidade precisa estar baseada nisso.

Essas exigências precisam levar em consideração todos os aspectos negativos para a consolidação dessa “identidade ideal” almejada para o professor. Os aspectos negativos das condições de trabalho, geralmente dos recém-formados que atuam na Educação Básica pública são: péssimas condições reais, escolas com estruturas medievais e danificadas, superlotação de classes, jornada de trabalho desgastante, falta de concursos públicos etc. Grande parte dos professores são contratados por tempo determinado (no Paraná chama-se Processo Seletivo Seriado - PSS), depois de um período os contratos acabam e

quando são recontratados assumem aulas em outras escolas, excluindo qualquer possibilidade de vínculo contínuo com uma instituição específica. Isso se soma a outras questões como salários baixos e necessidade de greves, visto que os governantes frequentemente ameaçam retirar da categoria os direitos adquiridos, entre tantos outros problemas que poderiam ser citados aqui.

As excessivas exigências ao professorado em “tempos líquido-modernos” (BAUMAN, 2001) assusta os profissionais. Prova disso é a diminuição da procura de jovens por cursos de licenciatura, pois recai sobre os docentes muitas responsabilidades, sem levar em conta outros aspectos sociais e culturais da contemporaneidade. No entanto, é um desafio que precisa ser enfrentado pelo professorado, pois a profissão docente configura-se em uma oportunidade enorme de transformação da realidade. Insistiremos nisso mesmo que também seja uma forma de padronizar e colocar expectativas na profissão.

Marcelo (2009) destaca a importância do professor, mas defende, trazendo outros autores, a “*necessidade de se realizar profundas transformações nos sistemas educacionais atuais para que possamos enfrentar os desafios da sociedade do conhecimento*” (MARCELO, 2009, p. 111). Sendo assim, não podemos padronizar o professor como aquele que precisa ter uma identidade definida (por atores externos) e como sendo o principal agente de transformação do meio educacional. Sim, o professor tem o poder e a capacidade de ajudar na transformação da sociedade, mas não se faz sozinho, é preciso que os outros elementos do processo educacional priorizem as mesmas coisas e valorizem o trabalho docente.

Partindo da perspectiva de que é necessário transformar o sistema educacional, enquanto isso não acontece, o professor contemporâneo é aquele que luta, assim como em outros tempos, para manter seus direitos e não desistir da

educação. Busca a valorização e o aperfeiçoamento de sua prática, embora as condições reais não contribuam para sua formação de qualidade. Muitos desistem no caminho, mas outros buscam reconquistar o status de profissão estável que um dia foi característico da docência. E assim vão lapidando a própria identidade, pois:

É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto (MARCELO, 2009, p. 112).

Dessa forma, a identidade não é algo dado, fixo e imutável, a identidade profissional se constrói por um processo lento e dinâmico com o passar dos anos e das experiências profissionais e pessoais de cada sujeito, e é composta pelo que Marcelo (2009) chamou de “subidentidades”, pois cada indivíduo movimenta-se em diferentes contextos vividos, o que influencia diretamente na sua identidade.

Para finalizar torna-se necessário voltarmos à pergunta: “qual identidade espera-se que a categoria docente desenvolva?” Não é possível dizermos precisamente, também nenhum autor o fez, como evidenciamos anteriormente, o processo de construção da identidade é complexo e contínuo, não há fórmula pronta, o que é possível de se fazer é discutirmos, como foi essa tentativa, para transcendermos a “identidade ideal” forjada e padronizada pelo discurso externo ao profissional da educação.

Conclusão:

Buscamos através desse texto, inicialmente, discutir sobre o conceito de identidade, ancoramo-nos em Denys Cuche em (1999) para realizarmos, de maneira geral, um pequeno histórico de como foi tratado o conceito de identidade. No entanto, procuramos defender que a identidade é uma construção social, relacionada à cultura e as experiências pessoais de cada sujeito. Sendo assim é uma construção, que pode ser mutável, consciente e dinâmica, portanto é relacional, contudo não é relativista.

Desenvolvemos uma reflexão em relação à identidade docente e acreditamos que há uma forte concepção social de padrão de identidade docente. Tal padrão, com base em vários autores que falam sobre identidade docente, parece propor que o professor precisa ter o perfil ideal para se corresponder à identidade, construída externamente, da sua categoria, desconsiderando todas as experiências singulares de cada sujeito. Experiências essas que auxiliam na construção da sua identidade profissional.

Corroboramos com a noção de que a formação de qualidade do professor é a “mola propulsora” (MOURA, 2009) do sistema educacional, demonstrando que o docente é capaz de transformar o meio em que atua. Mas não podemos responsabiliza-lo apenas, sabemos das complexibilidades do sistema educacional contemporâneo.

Muitas dificuldades são apresentadas à categoria docente e ao contexto educacional como um todo. Sendo assim, defendemos que é necessário uma transformação no sistema, de modo que o professor possa contribuir de maneira mais plena com criticidade, na formação do cidadão, criatividade, reflexão e produção de conhecimento.

Falamos sobre o que noções hegemônicas, como deve ser a identidade do profissional da docência, mas procuramos pensar também sobre as

dificuldades do processo de construção da identidade, das subidentidades de cada indivíduo imerso nesse processo.

Para finalizar, concluímos que muito há ainda para discutir-se sobre a formação da identidade docente, principalmente na contemporaneidade, pois o momento é complexo e precisa ser compreendido. Nosso esforço em discutir esse tema baseia-se na importância do papel do Professor na sociedade líquido moderna (BAUMAN, 2001), mas também na possibilidade de descartar padrões que coloquem toda responsabilidade do processo educacional no docente, que atualmente enfrenta dificuldades por todos os lados, e refletir sobre a identidade do docente em formação que se vê perdido entre o que a sociedade espera que ele seja, enquanto profissional, e com o que ele mesmo se identifica.

Referências

- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Resenha: BASÍLIO. Márcio Pereira. *Sociologias*. n.º.23. Porto Alegre Jan./Apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000100016> Acesso em: 15/02/2017.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CUCHE, D. *A noção de Cultura nas ciências sociais*: EDUSC, 1999.
- FONSECA, S-G. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FORQUIN, J-C. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GARCIA, M.; HYPOLITO, Á-M; VIEIRA, J-S. As identidades docentes como fabricação da docência. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HERTZ, R. A. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Religião e Sociedade*, n. 6, p. 99-128, 1980.
- MARCELO, C; Tradução: Cristina Antunes. A

identidade docente: constantes e desafios.

Revista Brasileira sobre Formação Docente.
Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez.
2009. Disponível em: <
<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>
> Acesso em: 15/02/2017.

MOURA, J-D-P. **A FORMAÇÃO DO**

**PROFESSOR EM “TEMPOS
LÍQUIDOSMODERNOS”.** IX Congresso
Nacional de Educação – EDUCERE, III
Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26/29
de outubro de 2009 (p. 9867 – 9875). Disponível
em:
<[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/
3399_1932.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3399_1932.pdf)> Acesso em 15/02/2017.